



Perplexidade e desconcerto no campo de batalha

Margareth Santos (USP)

Os 80 anos do início da Guerra Civil Espanhola têm suscitado inúmeras discussões e publicações, não apenas sobre as atrocidades cometidas durante o conflito, mas também sobre a necessidade de articular um novo discurso acerca do golpe de estado de 1936, imposto ao governo legítimo da II República espanhola. No âmbito dessas ponderações, ganha relevância o papel da poesia das gerações literárias posteriores ao conflito, em especial, da Geração de 1950. Caracterizada sob o emblema de “niños de la guerra”, o selo, repetido didaticamente ao longo da historiografia literária, desvela um movimento reflexivo de alcances desconcertantes, que não cabem no termo homogeneizador de “geração”. Ler esse cenário pressupõe discutir as tensões entre a memória infantil e a meditação adulta de alguns dos expoentes desse grupo sobre a representação da guerra e suas consequências. Desde o interior de seus versos, forjados em um amálgama de lembrança e imaginação, os poetas Jaime Gil de Biedma, José Agustín Goytisolo e Ángel González constroem um espaço questionador das “señas de identidad”, que a historiografia generalizante impõe à dor particular do momento vivido. A fim de empreender um percurso por esse universo que se desenha como supostamente pendular, pretendemos discutir os poemas “Intento formular mi experiencia de la guerra”, de Jaime Gil de Biedma, “Exiliado”, de José Agustín Goytisolo e “Campo de batalla”, de Ángel González, com a intenção de recuperar os distintos matizes que pode adquirir a noção de campo de batalha, para além do conceito bélico imediato, e delinear uma reflexão sobre o conflito e suas consequências sob uma perspectiva calcada na instabilidade entre o vivido e o recordado.

